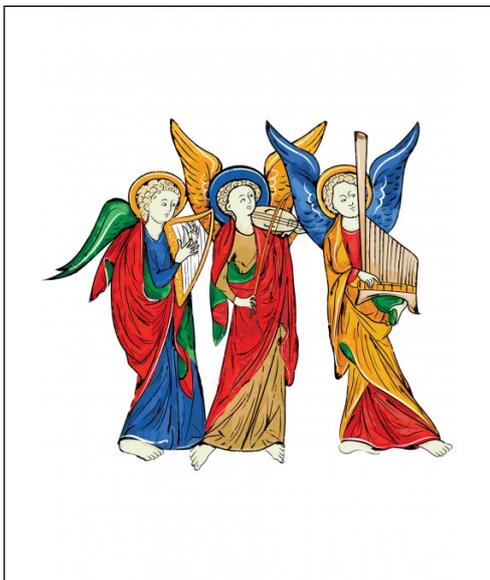


Costa, Ricardo da. *Visões da Idade Média*. Santo André (São Paulo, Brasil): Armada Editora, 2019. 310 pp. ISBN 978-85-54969-08-0.

Resenhado por: Matheus Corassa da Silva (Universidade Federal do Espírito Santo [UFES], Brasil)



[...] O *exercício de apreensão do passado*, do passado que aconteceu, do passado registrado é como o próprio ato de educar, é um *ato de amor*, amor na plena acepção da palavra, um dar em esperar nada em troca, um olhar para trás e desejar apenas entender o que aconteceu, participando de uma perspectiva comum com o texto estudado.

Ao decidir pela *regressão temporal* quando lê suas fontes, o historiador não pode e não deve estar contaminado pela tentação de possuí-las, de dominá-las, de alterá-las com suas palavras (ou mesmo destruí-las), mas sim de entender aquele tempo que escolheu para devanear (Costa 2019, 80-81).

Um *ato de amor*. Assim define o Prof. Dr. Ricardo da Costa (1962-) o *métier* que exerce, diligentemente, há mais de 20 anos. Num mundo – e especialmente num Brasil – onde as massas sucumbem acriticamente à *pós-verdade*, um eufemismo para a cotidiana enxurrada de falsificações do real, a posição de Costa frente ao saber histórico é não só uma dádiva como um alívio. Verdadeiro oásis no deserto intelectual contemporâneo. Mais que um ato de amor: um *ato de coragem*.

Costa dispensa apresentações à comunidade acadêmica: em seus mais de 20 anos como historiador-pesquisador, publicou quase duas centenas de trabalhos entre artigos, livros e traduções. Tronou-se um dos maiores medievalistas do Brasil e um dos mais expoentes estudiosos da língua e da literatura catalã medievais fora da Espanha. Trajetória de sucesso que causa admiração aos mais próximos e profundas “dores de cotovelo” a seus detratores. Faço aqui, com a devida vênia, um grande esforço para distanciar-me o suficiente da vida e da obra de Ricardo da Costa que, durante alguns anos, confundiram-se com a minha própria. Em que pese nossa parceria acadêmica e amizade cultivadas em meio às vicissitudes da vida, as considerações que ora faço

dizem respeito exclusivamente à qualidade técnica do livro aqui resenhado, que o torna leitura obrigatória para qualquer historiador, profissional ou diletante.

Seu *Visões da Idade Média* aparece dois anos após o bem-sucedido *Impressões da Idade Média* (Costa 2017), publicado pela mesma Editora Armada. Num contexto em que essa temporalidade ainda era retratada pela mídia e pelo mundo do entretenimento segundo os velhos clichês de uma “Idade das Trevas”, *Impressões* ia além e nos fazia enxergar a multiplicidade de acontecimentos e de processos históricos que se desenvolveram entre o *alvorecer* e o *outono* do medievo. Nele, Costa exercia o verdadeiro papel do pesquisador: aproximar-se de seu objeto de estudo despido de toda e qualquer amarra interpretativa e partir, pois, de uma busca honesta e incansável pela verdade, por mais estranha que pareça aos nossos tempos.

Em *Visões*, o historiador repete a dose. Com treze artigos, o livro é um *segundo ato* que marca o coroamento de uma brilhante e frutuosa trajetória intelectual dedicada ao fascinante universo medieval, sempre a transitar pelas áreas que ainda despertam sua inquietude: a *História*, a *Literatura*, a *Filosofia* e as *Artes*.

Antes de nos aprofundarmos na temática de cada ensaio que compõe a publicação, cabe examinar a interpretação de dois *scholars* a respeito de *Visões*. O Prof. Dr. Dr. Vicent Martines Peres (Universitat d’Alacant) trata o livro como uma *delicada joia de sabedoria* e ressalta que Costa nos oferece, ao invés de visões, *chaves* para a compreensão do medievo, raiz da civilização ocidental. De modo semelhante, o Prof. Dr. Antonio Cortijo Ocaña (University of California) destaca, no *Prefácio*, o *amor entusiasmado* pela Idade Média que o autor apresenta aos leitores. Condizente com sua *visão encantada de mundo*, ele torna essa distante temporalidade viva, pulsante e plena de sentido para a nossa época, tão carente da união entre *Estética* e *Ética* e da redescoberta da trindade *Verdade-Tempo-História*.

O primeiro artigo, inédito, é intitulado “O Tribunal do Santo Ofício. *Representações inquisitoriais* em Pedro Berruguete (c. 1450-1504), Goya (1746-1828) e Joseph Nicolas Robert-Fleury (1797-1890)”. Foi elaborado especialmente para o livro e testemunha duas grandes características do autor: 1) a generosidade em compartilhar suas meditações históricas com mãos, nas palavras dele, “mais ágeis, mais prudentes, mais argutas” (Costa, 15); e 2) a coragem de enfrentar, de peito aberto, temas reconhecidamente polêmicos. Aqui, o objeto das investigações é o controverso Tribunal da Inquisição, que povoa o imaginário popular e, ainda hoje, está no centro das mais diversas mitologias. A desconstrução dos mitos é o primeiro passo dado por Costa e por Milton Gustavo Vasconcelos, jurista que trouxe inestimáveis contribuições da esfera do Direito para o trabalho. Afinal, a natureza própria da Inquisição, burocrática e minuciosamente documental, coloca-a na gênese do Direito moderno, que dela extraiu a imperatividade do *devido processo legal*. Analisar o tema sob o ponto de vista da *História do Direito* lança, nas palavras de Marc Bloch, “luzes forçosamente incompletas, mas, em seus limites, bastante reveladoras: [...] um ponto de vista sobre o real” (Bloch, 131).

É essa realidade que é perseguida, desnudada. Calçados em abundante documentação primária (sempre ela!), os autores desmontam invenções há muito repetidas: as mortes ficavam a cargo dos governos seculares, não do Tribunal; as torturas foram utilizadas em menos de 2% dos casos julgados; a Inquisição, enfim, não tinha jurisdição sobre quem não fosse católico, o que invalida a tese de perseguição a

praticantes de outras religiões. A verdade sobre os processos inquisitoriais não só vem à tona como é confrontada com representações iconográficas que, embora belíssimas, contribuíram para ampliar o tema à fantasia. Costa e Vasconcelos tiveram a coragem de poucos: narraram o Passado como foi, dissociado de nossos preconceitos e acréscimos propagandísticos. Contribuíram para reabilitar a verdade histórica, na trilha que nos aproxima da eterna Verdade.

História

Esta seção do livro conta com três ensaios. Os dois primeiros, “Para que serve a História? Para nada...” e “Os novos desafios do *Fim da História*”, são de natureza eminentemente teórica. Escritos com uma distância de 11 anos, os textos são complementares e metalinguísticos, pois revelam com clareza os fundamentos do *fazer histórico* de Ricardo da Costa. A fruição no estudo do Passado, a suspensão dos *sobressaltos interpretativos* por parte do pesquisador, a sensibilidade que nos permite imaginar os fatos e processos históricos para muito além de suas interpretações materialistas (evidente, aliás, na *narrativa imagética* construída pelo autor), a incansável busca pela verdade: essas são as bases de seu ofício. Tratados, *a priori*, numa perspectiva *ego-histórica* – nas palavras de Pierre Norra (1931-) – cada um desses aspectos se mostra essencial não só para o autor, mas para todos os que desejam escrever História, com “H” maiúsculo. E lembremos: a devida apreensão do passado, mais que um esforço, é um *ato de amor*.

Encerra esta primeira parte da obra o artigo “*Então os cruzados começaram a profanar em nome do pendurado. Maio sangrento: os pogroms perpetrados em 1096 pelo conde Emich II von Leiningen (†c. 1138) contra os judeus renanos, segundo as Crônicas Hebraicas e cristãs*”. Algumas das polêmicas perseguições aos judeus, ocorridas entre os séculos XI e XII, são aqui analisadas pelo *método comparativo*: confrontam-se os textos de época, hebraicos e cristãos, a respeito dos acontecimentos. Há um esforço hermenêutico, um rigor no tratamento dessas fontes que, embora eivadas de problemas metodológicos (não eram relatos de primeira mão, interferências e acréscimos sofridos ao longo do tempo, etc.), são a única garantia de reviver esse processo histórico com *razoável* probabilidade de veracidade.

Literatura

A visão acadêmica de Ricardo da Costa, como já mencionado, perpassa os mais diferentes domínios da pulsante vida cultural medieval. Nesse sentido, a *Literatura* tem importante lugar em suas meditações históricas e, conseqüentemente, neste livro. Afinal, não seriam as sutilezas das expressões verbais, dos inúmeros textos em prosa e em versos, fontes inequívocas de nosso *métier*?!

O *Convívio* (c. 1304-1307), de Dante Alighieri (1265-1321), é o objeto do primeiro ensaio desta seção. Costa se aprofunda no segundo livro do referido texto, em que o *poeta-filósofo* faz uma analogia entre as *sete artes liberais* (Gramática, Dialética e Retórica – o *Trivium* – Aritmética, Geometria, Música e Astronomia – o *Quadrivium*) e os então considerados planetas (Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno). Ao analisar os fundamentos filosóficos do *Convívio*, o autor nos apresenta um Dante que é fruto do movimento intelectual conhecido como *Renascimento*. Em seu retorno aos clássicos, *il sommo poeta* se vale das considerações de Aristóteles (384-322 a. C.), Horácio (65-8 a. C.), Pitágoras (c. 571-497 a. C.), Ptolomeu (90-168) e Euclides (c. 325-265 a. C.), além de Cícero (106-43 a.C.), de Boécio (c. 480-524) e do Pseudo-Dionísio Areopagita (século V).

As aproximações com o *Humanismo*, desta vez quatrocentista, são visíveis nos outros dois artigos. Em “*O Sonho* (1399) de Bernat Metge e suas

considerações *filosófico-oníricas*”, o medievalista se debruça sobre o livro que prenuncia o *Humanismo* em terras ibéricas, irradiado a partir da Coroa aragonesa. Além de apresentar a inédita tradução da obra para o português, o ensaio analisa a relevância do *universo onírico* para a Filosofia, uma vez que há evidentes pontos de contato entre o texto de Metge (1340-1413) e *A Consolação da Filosofia*, de Boécio. O *Fédon* de Platão (c. 424-347 a. C.) também se anuncia como uma possível influência para Bernat, a fundamentar suas meditações a respeito da morte e da imortalidade da alma.

Em “A imagem da mulher medieval em *O Sonho* (1399) e *Curial e Guelfa* (c. 1460)”, Costa conta com a prolífica parceria de Armando Alexandre dos Santos. O texto destaca outra mui importante obra do *Humanismo* aragonês: a novela de cavalaria *Curial e Guelfa*. Conscientes de que “é a Literatura que nos dá a chave de acesso à vida humana do passado” (Costa, 184), os autores reconstróem, *compreensivamente*, a imagem da mulher medieval retratada por essas obras literárias, longe das simplificações, dos modismos e das anacrônicas vitimizações. As mulheres de *O Sonho* e de *Curial e Guelfa* têm personalidade e testemunham a progressiva elevação da condição feminina no medievo, por mais que o *mainstream* nos diga o contrário.

Filosofia

O primeiro artigo da seção releva o especial apreço de Costa em dotar suas visões sobre a Idade Média de uma perspectiva interdisciplinar, não compartimentada e plena de sentido. “*Ali haverá pranto e ranger de dentes. O Inferno na Arte e na Filosofia da Idade Média*”, escrito em colaboração com Evandro Santana Pereira, apresenta ao leitor reflexões multifacetadas sobre o Inferno: artísticas, filosóficas e teológicas. Afrescos, trípticos e iluminuras são analisados nos seus pormenores iconográficos, sem perder de vista a *unidade texto-imagem* que o medievalista tanto persegue ao longo de sua trajetória. Acompanham as imagens as referências bíblicas a respeito do tema, além das meditações teológico-filosóficas de Ramon Llull (1232-1316) e de Santo Tomás de Aquino (1225-1274).

Em “*A Verdade é a medida eterna das coisas. A divindade no Tratado da Obra dos Seis Dias*, de Teodorico de Chartres (†c. 1155)”, as *sete artes liberais* voltam à cena, desta vez como a base do *Humanismo clássico* da Escola de Chartres. Segundo Costa, os estudiosos dessa Escola (ou *corrente cultural*)

[...] são unânimes em afirmar que pelo menos cinco foram as suas principais características: 1) o interesse pela Matemática e pelas ciências da Natureza; 2) a combinação de teorias científicas e a poesia clássica; 3) o uso das artes liberais e da mitologia antiga; 4) a busca de uma concepção racional de Deus e da Natureza e 5) a valorização do ser humano e do uso da razão (Costa 2019, 214).

Teodorico, coerente com as elaborações intelectuais de seu contexto histórico-intelectual, apresenta em seu *Tratado da Obra dos Seis Dias* uma *definição aritmética de Deus*, que revelava o esforço do filósofo em conciliar a verdade da Revelação cristã com a verdade científica de seu tempo. É essa *teologia matemática* que o autor se propõe a analisar, sem perder de vista as fontes religiosas e filosóficas (especialmente as platônicas) que Teodorico sorveu.

As especulações filosóficas desta seção são coroadas com “*Há algo mais contra a razão que tentar transcender a razão só com as forças da razão?* A disputa entre São Bernardo de Claraval e Pedro Abelardo”, texto que se propõe a reconstituir um dos mais famosos (e mal contados) debates intelectuais da Idade Média. Costa se vale das fontes

primárias para colocar “os pingos nos is” e derrubar as distorções perpetradas pela vasta bibliografia produzida sobre o tema. A conclusão, ácida, mas precisa, é um alerta para todos os estudiosos, na História ou na Filosofia, que ousam se aventurar por temas religiosos: “[...] o radical anticatolicismo do século XX (inclusive no seio da Igreja Católica, como vimos na bibliografia) inventa uma Idade Média que nunca existiu” (Costa 2019, 249).

Artes

Chegamos, enfim, à última seção de *Visões da Idade Média*. Os trabalhos aqui reunidos testemunham a fase mais madura da trajetória intelectual de Ricardo da Costa, quando (re)encontra nas Artes a essência de toda uma vida de fruição estética, como amante da *Cultura: a necessidade do desnecessário, a utilidade do inútil* (Costa 2019, 310).

Em “Os camponeses medievais na arte de Benedetto Antelami (c.1150-1230). O *Ciclo do Trabalho e os Meses* do Batistério de Parma”, o autor nos apresenta os frutos maduros de uma *renovatio* tanto artística quanto mental. O movimento que, desde o século XI, transformava o *trabalho-sofrimento* no *trabalho-redenção* – influenciado, em larga medida, pela inserção das *Artes Mecânicas* na proposta pedagógica de Hugo de São Vítor (1096-1141) – ganhou ecos na Arte. O objeto do ensaio é o *corpus* de esculturas elaboradas por Benedetto Antelami e expostas no Batistério do *Duomo* de Parma. Além de testemunharem a transição do Românico ao Gótico, reforçam a elevação do trabalho camponês a tema de destaque no universo artístico da Baixa Idade Média.

Os dois últimos artigos são frutos de parcerias acadêmicas e revelam um fio condutor comum: a *centralidade do corpo* na Arte. Em “A *Poética do Corpo. Expressões e gestos no Retábulo de São João Batista* (1425-1430), de Bernat Martorell (1390-1452)”, escrito em parceria com Matheus Corassa da Silva, tem-se o estudo de uma das primeiras obras de Bernat Martorell, um dos mais ativos e prolíficos pintores de Barcelona na primeira metade do século XV. O trabalho consiste numa análise iconográfica do *Retábulo de São João Batista*, com vistas a compreender não só os pormenores técnicos da obra, mas sua ligação com as complexas – e paradoxais – reflexões medievais a respeito do corpo. Nesse sentido, os gestos e expressões das personagens retratadas ganham especial importância ao provocar sentimentos físicos nos espectadores, que testemunham, na pintura, a *corporeidade do santo*.

Finalmente, em “*Volúpia e Desejo. Susana e os Anciãos* na Arte”, que contou com a colaboração de Alexandre Emerick Neves, o tema bíblico-artístico de *Susana e os Anciãos* é analisado na *longue durée* histórica. Os autores se valem de um *corpus* iconográfico situado entre os séculos IV e XX, da *Lipsanoteca* a Picasso (1881-1973). Do mestre de Fauvel (século XIV) a Francesco Hayez (1791-1881), passando por Lorenzo Lotto (c. 1480-1556) e por Artemisia Gentileschi (1593-1623). Em que pesem as diferenças estilísticas, a variedade expressiva e os detalhes sublinhados (o corpo de Susana, a luxúria dos anciãos ou a força moral de Daniel), interessam a Costa e Neves as *permanências temáticas*, as perenidades. A *História da Arte* registrou um tema que merecia ser representado, pelas possibilidades interpretativas e representativas que gerou. E, ao fim e ao cabo, permanece o fim último da Arte: a *contemplação do Belo*.

Considerações finais

Em *Visões da Idade Média*, Ricardo da Costa alcança, enfim, a almejada maturidade acadêmica. Num contexto político-ideológico, cultural e – por que não?! – existencial impregnado de radicalismos, a ponderação, o distanciamento científico e a honestidade

intelectual do autor são dignos de nota. Esse justo equilíbrio de forças, base para uma capacidade judicativa de alto nível, é a marca distintiva dos grandes homens.

Lembro-me, nessa perspectiva, do general Charles de Gaulle (1890-1970). Em suas *Mémoires de guerre* (1954-1959), ele afirmara possuir “*une certaine idée de la France*”:¹ mais que exaltar peremptoriamente sua pátria, com superiores arroubos de certeza, ele pesa, avalia, aprecia com madureza cada um de seus pensamentos sobre o próprio país (as expressões que utiliza não me deixam mentir: “*j’ai d’instinct, l’impression que...*”, “*le côté positif de mon esprit me convainc que...*”, “*à mon sens...*”). Com a devida prudência dos homens públicos, De Gaulle convence o leitor pela mente e pelo coração, pela leveza das palavras bem refletidas e pela profundidade das ideias que tocam, antes de tudo, o autor. Costa, analogicamente, apresenta-nos sua “*certaine idée du Moyen Âge*”, cotidianamente meditada e fundamentada na compreensão de que é a *Cultura* o fator preponderante do desenvolvimento histórico do período. *Visões da Idade Média* materializa as características mais nobres de seu autor: a diligência e a prudência no desenvolvimento das ideias, a sutileza das palavras empregadas e o espírito amoroso do eterno mestre-aprendiz. Mais que isso, dá-nos, diante da belíssima paisagem que é o Passado, uma *visão mais ampla* (Gaddis, 15-31).

¹ O trecho completo é: “Toute ma vie, je me suis fait une certaine idée de la France. Le sentiment me l’inspire aussi bien que la raison. Ce qu’il y a, en moi, d’affectif imagine naturellement la France, telle la princesse des contes ou la madone aux fresques des murs, comme vouée à une destinée éminente et exceptionnelle. J’ai, d’instinct, l’impression que la Providence l’a créée pour des succès achevés ou des malheurs exemplaires. S’il advient que la médiocrité marque, pourtant, ses faits et gestes, j’en éprouve la sensation d’une absurde anomalie, imputable aux fautes des Français, non au génie de la patrie. Mais aussi, le côté positif de mon esprit me convainc que la France n’est réellement elle-même qu’au premier rang ; que, seules, de vastes entreprises sont susceptibles de compenser les ferments de dispersion que son peuple porte en lui-même ; que notre pays, tel qu’il est, parmi les autres, tels qu’ils sont, doit, sous peine de danger mortel, viser haut et se tenir droit. Bref, à mon sens, la France ne peut être la France sans la grandeur.” (De Gaulle, 7).

Obras citadas

- Bloch, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- Costa, Ricardo da. *Impressões da Idade Média*. Santo André (São Paulo, Brasil): Armada Editora, 2017.
- . *Visões da Idade Média*. Santo André (São Paulo, Brasil): Armada Editora, 2019.
- De Gaulle, Charles. *Mémoires de guerre – L’Appel: 1940-1942* (tome I). Paris: Éd. Plon, Paris, 1954.
- Gaddis, John Lewis. *Paisagens da história: como os historiadores mapeiam o passado*. Rio de Janeiro: Campus, 2003. 15-31.